

Saint-John Perse

HABITAREI
O MEU NOME
antologia

selecção e tradução
João Moita

ASSÍRIO & ALVIM

INTRODUÇÃO

Quando em 1964 Jean Paulhan e Pierre Oster convidam Emil Cioran para participar numa homenagem internacional a Saint-John Perse, o autor de *De l'inconvénient d'être né* escreve o seguinte: «Quando nos cansamos de nós mesmos e, sobretudo, dos nossos queixumes, quando essa mania, eminentemente moderna, de protestar e reivindicar assume aos nossos olhos a gravidade de um pecado, que reconforto encontrar um espírito que jamais lhe sucumbe, que recua perante a vulgaridade da revolta, como homem da Antiguidade, da Antiguidade heróica e da Antiguidade extinta, semelhante a um Píndaro, não menos que ao Marco Aurélio da exclamação: *Tudo o que me trazem as horas é para mim fruto delicioso, ó Natureza.*»¹

Com efeito, se atentarmos nas circunstâncias da vida do poeta, somos forçados a reconhecer, como o próprio admite em *Pour fêter une enfance*, que não lhe faltavam razões para louvar. Uma infância privilegiada num lugar paradisíaco; as atenções redobradas de avós, irmãs, mãe e criadas por se tratar do único filho varão de uma família bem colocada na hierarquia colonial de Guadalupe; a possibilidade de, já em França, prosseguir uma carreira diplomática que lhe permitiu conhecer grande parte do mundo, participar em alguns dos eventos decisivos da história do seu tempo, privar com todas as figuras marcantes do período En-

¹ Emil Cioran, *Oeuvres*, Paris, Gallimard, p. 1584.

treguerras, incluindo os três grandes ditadores; o reconhecimento dos pares pela excelência do seu trabalho literário o reconhecimento das mais prestigiadas instituições, incluindo a Academia Sueca; o testemunho de amigos e admiradores que vão ao ponto de se organizarem para lhe comprarem uma casa de recreio em França, depois de um longo exílio nos Estados Unidos da América; a bênção improvável de um casamento tardio: quase tudo na vida de Saint-John Perse parece ter sido predestinado pelos deuses a um filho predilecto.

É, pois, natural que louvasse. E no entanto, outros igualmente privilegiados não o fizeram. Outros que partiram igualmente de um ponto proeminente chegaram menos longe, se é que chegaram a avançar. Outros que igualmente ascenderam às mais elevadas tribunas da vida pública não tiveram a mesma audácia e nobreza de carácter para não sucumbirem à lisonja e à intriga com que os menos hábeis se perpetuam nos cargos. Outros, como ele, foram príncipes na sua terra, mas nenhum como ele soube ser fora dela príncipe do exílio.

O que mais admira em Saint-John Perse é a constância do seu louvor. É fácil fazer o encómio de uma infância quando a sombra das suas palmeiras e o peso dos seus frutos exóticos ressuma pela nossa vida e lhe dá a cor, o timbre e o sabor. É fácil louvar a solidão do aventureiro incansável que palmilha os lugares recônditos do mundo em busca de repouso para a sua alma quando os caminhos do mundo se escancaram e se iluminam à nossa frente. Mas louvar o exílio com a altivez dos soberanos quando somos privados da nossa profissão, dos nossos bens, dos nossos títulos e da nossa nacionalidade, eis o que não está ao alcance de todos, nem sequer, ou sobretudo, de todos os poetas.

Saint-John Perse é um dos raros pseudónimos de autores não libertinos que, mais do que por um tique literário, se justifica na necessidade de proteger a identidade do homem dos olhos do público. O diplomata Alexis Leger, ao contrário dos seus confrades Paul Claudel e André Gide, não queria misturar a sua identidade civil, posta incondicionalmente ao serviço dos interesses do Estado, com a sua identidade literária, entendendo que os requisitos de uma vida dedicada ao bem público não se conciliavam com as solicitações, as trocas de influência e o circo da vida literária. Sobre a origem do pseudónimo há algumas especulações mas nenhuma conclusão. Ele parece ter surgido de forma mais ou menos fortuita quando se tornou necessário. Nada mais.

Marie-René-Auguste-Alexis Saint-Leger Leger nasceu em 31 de Maio de 1887 numa ilha coralina ao largo de Pointe-à-Pitre, a capital comercial de Guadalupe, nas Antilhas Francesas. Na altura, o ilhéu chamava-se Saint-Léger-les-feuilles, ou mais comumente Ilet-à-feuilles, e era propriedade da família, à qual devia a patronímia. As famílias de ambos os progenitores tinham deixado a França no fim do século XVII e início do século XVIII para se fixarem nas Caraíbas, dedicando-se desde então à plantação de café e açúcar e à gestão das propriedades coloniais.

A infância decorreu num idílio onde o estímulo sensorial da paisagem exuberante e o contacto privilegiado com as mais variadas culturas do mundo nas pessoas dos servidores da família se aliava ao conforto material e ao estímulo intelectual e humano que esta lhe proporcionava. A sua formação escolar era complementada pela experiência directa das coisas do mundo. De um

velho oficial da marinha aprendeu os rudimentos da Matemática e da Física, de um religioso latinista as primeiras letras, de um botânico amigo da família lições de Botânica e de História Natural. Desde cedo fascinado pela Ornitologia, pela Geologia, pela equitação e pela navegação, recebeu aos oito anos o seu primeiro cavalo, o seu primeiro barco e o seu primeiro telescópio.

Com o virar do século, a crise económica antilhana forçou a família a regressar à Europa, indo instalar-se em Pau, França, onde Leger frequentou o liceu. O poeta tinha então 12 anos e conhecia o seu primeiro exílio. Em 1904, ingressou na Universidade de Bordéus para estudar Direito, altura em que compôs *Images à Crusoé*, com apenas 17 anos. Os primeiros poemas de Saint-John Perse, ao contrário dos de Rimbaud, são já uma concretização madura do seu génio, obras-primas acabadas, sem antecedente nem precursor.

Além do curso de Direito, Alexis Leger tem tempo para, à boa maneira humanista, frequentar como aluno livre cadeiras das faculdades de Letras, Ciências e Medicina, embora a sua grande paixão sempre tivesse sido a música. São desses anos a amizade com Francis Jammes e Paul Claudel. Este último, poeta e diplomata, veio a ter grande preponderância na escolha da carreira de Leger e será uma das únicas referências plausíveis da sua poesia, ainda que apenas ao nível formal mais imediato pela preferência pelo versículo mais ou menos longo em detrimento do verso regular. Nessa altura, conheceu ainda Gabriel Frizeau, que o pôs em contacto com os escritores Jacques Rivière e Alain-Fournier, e os pintores Odilon Redon e André Lhote. É dessa altura também o início da sua correspondência com André Gide.

Por duas vezes teve de interromper os estudos: a primeira em 1905 para cumprir o ano de serviço militar obrigatório, e a se-

gunda em 1907 devido à morte do pai. Rude golpe no seio de uma família já assolada por dificuldades económicas, Leger teve de precipitar a decisão relativamente ao seu futuro, uma vez que se tornava chefe-de-família e o único apoio da mãe e das três irmãs (uma quarta tinha morrido em Guadalupe quando o poeta tinha 8 anos).

Logo após a morte do pai, escreve *Pour fêter une enfance* (1907) e *Éloges* (1908), e publica *Images à Crusóé* (1909) na recém-criada *Nouvelle Revue Française*, poema assinado por Saint-leger Leger. Ainda com a mesma assinatura e na mesma revista, saem em 1910 os dois poemas que, com o texto publicado no ano precedente, vão compor o volume de *Éloges* que hoje conhecemos, juntamente com *Récitation à l'éloge d'une reine*, datado de 1907, e *Histoire du Régent*, não datado. Na NRF, o texto de *Éloges* saiu com tantas gralhas que André Gide, o editor, decidiu publicar a suas expensas uma edição autónoma do texto. Foi assim que em 1911 foi publicado o primeiro livro de Saint-John Perse, aliás, Saintleger Leger, nome que, em todo o caso, apenas aparecia na folha de rosto. Esse volume valeu-lhe a amizade e a admiração de Valéry Larbaud, que veio à procura do seu autor.

Os anos entre 1910 e 1914 são passados a preparar os exigentes exames de acesso ao Quai d'Orsay, o Ministério dos Negócios Estrangeiros francês. Com o propósito de estudar a actualidade política, económica e social europeia, Alexis Leger empreendeu algumas viagens de estudo pela Europa, começando por Espanha, onde a família tinha raízes, passando pela Inglaterra, onde conheceu, entre outros, Conrad, Belloc, Chesterton, Bennett e o poeta indiano Rabindranath Tagore, regressando de novo a Paris para prosseguir os estudos na École des Hautes Études Commerciales,

OS SINOS

Velho homem de mãos nuas,
reposto entre os homens, Crusoé!
choravas, imagino, quando as torres da Abadia, como um
fluxo, derramavam o lamento dos sinos sobre a Cidade...

Ó Despojado!

Choravas ao pensares nos recifes sob a lua; nos silvos das
praias mais distantes; nas músicas estranhas que nascem e sufo-
cam sob a asa fechada da noite,

semelhantes aos círculos encadeados que são as ondas de
uma concha, à amplificação dos clamores sob o mar...

VII

Um pouco de céu azula na vertente das nossas unhas. O dia será quente onde o fogo se condensa. Eis como será a coisa:

Um crepitar nos precipícios escarlates, o abismo calcado pelos búfalos da alegria (ó alegria só explicável pela luz!) E, no mar, o enfermo dirá

para pararem o barco para que o possam auscultar.

E grande ócio, então, para todos os da popa, as investidas do silêncio refluindo nas nossas frentes... Um pássaro que escoltava, o voo arrasta-o pelo alto, evita o mastro, passa, mostrando-nos as patas róseas de pombo, selvagem como Cambises¹ e doce como Assuero²... E o mais jovem dos viajantes, sentando-se a três quartos na armadura: «Quero muito falar-vos das fontes debaixo do mar...» (pedem-lhe que conte)

— Entretanto, o barco projecta uma sombra verde-azul; tranquila, clarividente, invadida por glucoses nas quais pastam em bandos dúcteis que ondulam estes peixes que passam como o tema ao longo do canto.

... E eu, cheio de saúde, vejo isto, aproximo-me do enfermo e tudo isto lhe conto: e eis que ele me odeia.

Poder, tu cantavas nas nossas estradas esplêndidas!... «No deleite do sal estão todas as lanças do espírito... Avivarei com o sal as bocas mortas do desejo!

«Aquele que, louvando a sede, não bebeu a água das areias pelo elmo

«pouco valor tem para mim no comércio da alma...» (E o sol não é nomeado, mas o seu poder está entre nós.)

Homens, gente de pó e de todos os feitios, gente de negócio e de lazer, gente da vizinhança e gente de outras paragens, ó gente de pouco peso na memória destes lugares; gente dos vales e dos planaltos e das mais altas encostas deste mundo no termo das nossas margens; farejadores de sinais, de sementes, e confessores de brisas no Oeste; seguidores de pistas, de estações, levantadores de acampamentos na aragem da manhã; ó prospectores de cursos de água sobre a crosta do mundo; ó prospectores, ó descobridores de razões para partir para outros lugares,

vós não traficais um sal mais forte do que quando, pela manhã, num presságio de reinos e águas mortas suspensas do alto sobre as brumas do mundo, os tambores do exílio despertam nas fronteiras

a eternidade que boceja nas areias.

*

... Em vestes puras entre vós. Um ano mais entre vós. «A minha glória vai pelos mares, a minha força está entre vós!

Aos nossos destinos prometido, este sopro de outras margens e, levando para além as sementes do tempo, o clarão de um século em apogeu no fiel das balanças...»

ÉLOGES [1911]

ÉCRIT SUR LA PORTE

[J'ai une peau couleur de tabac rouge ou de mulet,]. 26

IMAGES À CRUSOÉ

Les cloches 32

L'arc 34

POUR FÊTER UNE ENFANCE

I. [Palmes... !] 38

III. [... Puis ces mouches,...] 42

ÉLOGES

VI. [Et d'autres montent, à leur tour, sur le pont].. 48

VII. [Un peu de ciel bleuit au versant...] 50

XIV. [Silencieusement va la sève...] 52

XV. [Enfance, mon amour,...] 56

XVI. [... Ceux qui sont vieux dans le pays...] 58

LA GLOIRE DES ROIS [1948]

RÉCITACION À L'ÉLOGE D'UNE REINE

I. [« Haut asile des graisses...] 66

II. [« J'ai dit, ne comptant point ses titres...] 68

V. [« Ha Nécessaire ! et Seule !...] 70

AMITIÉ DU PRINCE

I. [Et toi plus maigre qu'il ne sied...] 74

III. [Je reviendrai chaque saison,...] 78

<i>Introdução</i>	7
-------------------------	---

ELOGIOS

ESCRITO NA PORTA

[Tenho pele cor de burro ou de tabaco vermelho,] ..	27
---	----

IMAGENS À CRUSOÉ

Os sinos	33
----------------	----

O arco.....	35
-------------	----

PARA FESTEJAR UMA INFÂNCIA

I. [Palmeiras...!]	39
--------------------	----

III. [... Depois estas moscas,...]	43
------------------------------------	----

ELOGIOS

VI. [E outros sobem, por sua vez, ao convés]	49
--	----

VII. [Um pouco de céu azula...]	51
---------------------------------------	----

XIV. [Silenciosamente vai a seiva...]	53
---	----

XV. [Infância, meu amor,...]	57
------------------------------------	----

XVI. [... Aqueles que são velhos na região...]	59
--	----

A GLÓRIA DOS REIS

RECITAÇÃO EM ELOGIO DE UMA RAINHA

I. [«Alto asilo de gordura...]	67
--------------------------------	----

II. [«Disse, jamais contando os seus títulos...]	69
--	----

V. [«Ah Necessária! e Só!...]	71
-------------------------------	----

AMIZADE DO PRÍNCIPE

I. [E tu, mais magro do que convém...]	75
--	----

III. [Regressarei a cada estação,...]	79
---------------------------------------	----

CHANSON DU PRÉSOMPTIF	
[J'honore les vivants, j'ai face parmi vous.].....	84
ANABASE [1924]	
CHANSON	
[Il naissait un poulain sous les feuilles de bronze....]	90
ANABASE	
I. [Sur trois grandes saisons...]	94
III. [À la moisson des orges l'homme sort.]	100
IX. [Depuis un si long temps...]	104
X. [Fais choix d'un grand chapeau...]	110
CHANSON	
[Mon cheval arrêté...]	120
EXIL [1942]	
EXIL	
II. [À nulles rives dédiée,...]	126
VI. [« ... Celui qui erre, à la mi-nuit,...].....	130
VII. [« ... Syntaxe de l'éclair !...].....	138
PLUIES	
I. [Le banyan de la pluie...]	144
VI. [Un homme atteint de telle solitude,...]	148
VII. [« Innombrables son nos voies,...].....	152
VIII. [... Le banyan de la pluie...]	156
NEIGES	
I. [Et puis vinrent les neiges,...].....	162
IV. [Seul à faire le compte,...]	166
POÈME À L'ÉTRANGÈRE	
III. [Dieux proches, dieux sanglants,...]	172

CANÇÃO DO PRESUMIDO	
[Honro os vivos, tenho rosto entre vós.].....	85
ANÁBASE	
CANÇÃO	
[Nascia um potro sob as folhas de bronze. ...].....	91
ANÁBASE	
I. [Tendo-me estabelecido com honra...].....	95
III. [À ceifa da cevada sai o homem. ...].....	101
IX. [Depois de tanto tempo...].....	105
X. [Escolhe um grande chapéu...].....	111
CANÇÃO	
[Com o meu cavalo parado...].....	121
EXÍLIO	
EXÍLIO	
II. [A nenhumas margens consagrado,...].....	127
VI. [«... Aquele que erra a meio da noite...].....	131
VII. [«... Sintaxe do relâmpago!...].....	139
CHUVAS	
I. [O baniano da chuva...].....	145
VI. [Um homem atacado de tamanha solidão,...]..	149
VII. [«Inumeráveis são as nossas vias,...].....	153
VIII. [... O baniano da chuva...].....	157
NEVES	
I. [E depois vieram as neves,...].....	163
IV. [O único a fazer a contagem,...].....	167
POEMA PARA A ESTRANGEIRA	
III. [Deuses próximos, deuses sangrentos,...].....	173

VENTS [1946]

I

1. [C'étaient de très grands vents...]..... 182
2. [« Ô vous que rafraîchit l'orage...]..... 186
3. [C'étaient de très grandes forces en croissance...]. 190
7. [... Eâ, dieu de l'abîme,...] 198

II

2. [... Plus loin, plus haut,...] 206
5. [Ainsi dans le foisonnement du dieu,...] 214
6. [... Et du mal des ardents tout un pays gagné,...] 222

III

2. [... Des hommes encore, dans le vent,...]..... 228
6. [Telle est l'instance extrême...] 234

IV

6. [... C'étaient de très grands vents...] 242
7. [Quand la violence eut renouvelé le lit...]..... 248

AMERS [1957]

INVOCATION

3. [Poésie pour accompagner...]..... 254
5. [... Or il y avait un si long temps...] 258
6. [Et c'est la Mer qui vint à nous...]..... 262

STROPHE

I

3. [Ailleurs l'histoire fut moins claire. ...]..... 276

III

- [« Mais nous levons encore nos bras...] 282
- [Les Tragédiennes sont venues,...] 274

V

- [Langage que fut la Poétesse :] 290

VII

- [Un soir promu de main divine...] 296

VENTOS

I

- 1. [Eram grandes ventos...] 183
- 2. [«Ó vós que a tempestade resfria...»] 187
- 3. [Eram grandes forças a intensificar-se...] 191
- 7. [... Eâ, deus do abismo,...] 199

II

- 2. [... Mais longe, mais alto,...] 207
- 5. [Assim na abundância do deus,...] 215
- 6. [... E todo um país atingido antes de anoitecer...] 223

III

- 2. [... Mais uma vez os homens encontraram...] 229
- 6. [Tal é a instância extrema...] 235

IV

- 6. [... Eram grandes ventos...] 243
- 7. [Depois de a violência ter renovado o leito...] 249

CONHECENÇAS

INVOCAÇÃO

- 3. [Poesia para acompanhar...] 255
- 5. [... Ora, já há muito tempo...] 259
- 6. [E foi o mar que veio até nós...] 263

ESTROFE

I

- 3. [Noutro lugar a história foi menos clara. ...] 277

III

- [«Mas ainda erguemos os braços...»] 283
- [As Trágicas chegaram,...] 285

V

- [Linguagem que foi a Poetisa:] 291

VII

- [Certa noite promovida por mão divina...] 297

IX

[Amants, ô tard venus parmi les marbres...]	306
I. [... Étroits sont les vaisseaux,...].....	308
II. [« ... Amour, amour, qui tiens si haut...],.....	310
III. [« ... Mes dents sont pures sous ta langue. ...] ..	318
VI. [« ... Un peu avant l'aurore et les glaives...].....	332

CHŒUR

3. [... Innombrable l'image,...].....	356
4. [— Et c'est à Celle-là que nous disons notre âge...] ..	368

CHRONIQUE [1960]

III. [« Grand âge,...]	378
VII. [« Et ramenant enfin les pans...]	384

OISEAUX [1963]

I. [L'oiseau de tous nos consanguins...]......	392
IX. [D'une parcelle à l'autre du temps partiel,...].....	396
XII. [... Ce sont les oiseaux de Georges Braque :...] ...	400

CHANT POUR UN ÉQUINOXE [1975]

Chanté par celle qui fut là	406
Sécheresse	412
Nocturne	426

IX	
	[Amantes, ó retardatários entre os mármore...] 307
	I. [... Estreitos são os barcos,...] 309
	II. [«... Amor, amor, que reténs tão alto...】 311
	III. [«... Os meus dentes são puros sob a tua língua. ...] 319
	VI. [«... Um pouco antes da aurora e dos gládios...】 333
CORO	
	3. [... Inumerável a imagem,...] 357
	4. [— E é Àquele que declaramos a nossa idade...]. 369
CRÓNICA	
	III. [«Grande época,...】 379
	VII. [«E juntando enfim as abas...】 385
PÁSSAROS	
	I. [O pássaro, de todos os nossos consanguíneos...]. 393
	IX. [De uma a outra parcela do tempo parcial,...] 397
	XII. [... Estes são os pássaros de Georges Braque:...】 .. 401
CANTO PARA UM EQUINÓCIO	
	Cantado por aquela que esteve lá 407
	Seca 413
	Nocturno 427
<i>Notas</i> 431